

**VI PRÊMIO MEI de DOCÊNCIA – EDIÇÃO 2022**  
Metodologias de Ensino Inovadoras

**PROJETO EU SOU ASSIM: “ESSA É A COR DA MINHA PELE”**

Categoria: Educação Infantil

ALMERINDA CRISTINA OLIVEIRA DE SOUZA SOBRAL

Escola: Cmei Profª Ariete Gaio de Souza Oliveira  
Endereço: Rua Jorge de Moraes, nº 20 – Conj. Jardim de Versalles, Planalto  
Telefone: (92) 99272-4329  
E-mail: [almerinda.souza@semed.am.manaus.gov.br](mailto:almerinda.souza@semed.am.manaus.gov.br)

MANAUS/AM

2022

## Resumo

No presente artigo abordo a influência sociocultural sofrida pelas crianças negras na região Amazônica e a importância de evidenciar e valorizar personagens negros em filmes, livros, vídeos, bem como em outras ferramentas que podem ser consideradas como artefatos culturais e que produzem pedagogias culturais.

Sendo assim, desmistificar o uso do lápis rosa ou salmão como “cor da pele” nos possibilitou observar a dificuldade das crianças negras e pardas em identificar a sua cor da pele ou melhor, de representar a sua identidade racial nos desenhos realizados por elas. Destaco as dimensões pedagógicas do Projeto Eu sou Assim: Essa é a Cor da Minha Pele, no que diz respeito a produção e disseminação de pedagogias culturais de representação e empoderamento das crianças negras como potenciais protagonistas de suas próprias histórias, colaborando com a sua formação enquanto sujeito e na construção de sua identidade étnico-racial, nesse sentido procuramos desenvolver uma educação antirracista e libertadora.

## Introdução

O presente estudo originou-se a partir das inquietações da professora frente à dificuldade das crianças de não se identificarem ou tampouco se representarem como pessoas negras ou pardas nos autorretratos, desenhos e pinturas que faziam. Percebemos que o processo de construção de uma identidade negra no Amazonas ainda é bem difícil devido a uma grande lacuna no contexto histórico, um esquecimento generalizado que foi promovido pelo Estado no passado. Sobre o apagamento da existência de uma população negra na Amazônia, Brito argumenta que: A ideia, portanto, de uma Amazônia exclusivamente portuguesa, indígena, mestiça e cabocla precisa ser ultrapassada no senso comum e merece incorporar outros sujeitos históricos e contemporâneos e a consciência de todos nós. (BRITO, 2012, p. 204 apud SAMPAIO, 2011, p. 170).

Portanto, faz-se necessário destacar e valorizar a história do povo negro e a construção das identidades étnico-raciais brasileiras, particularmente em regiões como a Amazônia onde as pessoas negras são invisibilizadas. A relevância deste estudo, fundamenta-se nas ações afirmativas criadas a partir das políticas públicas voltadas para a promoção da equidade socioeconômica da população negra brasileira - Lei 10.639/03<sup>1</sup>, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), compelindo o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira assim como, a urgência da

---

<sup>1</sup> Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.

Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm)

discussão e visibilização do protagonismo de pessoas negras e suas narrativas nas escolas. Como também, abraçar o que a BNCC<sup>2</sup> destaca como direito de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil, ou seja, é direito da criança:

**Conhecer-se** e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BNCC,2018,p.34)

### **Objetivos**

Sendo assim, o objetivo central do estudo é favorecer a aquisição de valores e atitudes que contribuam para o fortalecimento da autoestima e obtenção da identidade racial na infância, promovendo assim, o respeito às diferenças e à diversidade étnica, deste modo, buscamos colaborar para a superação de situações discriminatórias oportunizando uma educação antirracista.

### **Metodologia**

Em termos metodológicos, trata-se de uma investigação que se originou a partir das observações de uma turma do 2º período da Ed. Infantil de um CMEI da Secretaria Municipal de Educação de Manaus – SEMED, culminando no Projeto Eu Sou Assim: “Essa é a cor da minha pele”<sup>3</sup>. Para iniciarmos a pesquisa escolhemos o método Estudo de Caso, que se caracteriza por ser um procedimento empírico que considera observações e experiências. De acordo com o periódico Mundo Acadêmico, da UFMG: “No livro *Estudo de Caso Planejamento e Métodos*, o cientista social Robert K. Yin define o estudo de caso como uma estratégia de pesquisa que responde às perguntas “como” e “por que” e que foca em contextos da vida real de casos atuais.” (ARTIGO, 2021).

---

<sup>2</sup> A BNCC norteia os currículos dos sistemas e redes de ensino, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>

<sup>3</sup> Nota de esclarecimento: “Essa é a cor da minha pele” foi a frase que uma das crianças do projeto, disse ao pai quando mostrou a ele o seu autorretrato.

Concomitantemente, a abordagem da pesquisa será qualitativa, pois ela “se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes”. (MINAYO, 2014). Podemos contextualizar a nossa situação trazendo um excerto da escritora bell hooks, que enfatiza a situação das crianças nos EUA, o que aliás, não é muito diferente da realidade de nossas crianças no Brasil: “Mães e pais negros com frequência reclamam que a televisão diminui a autoconfiança e a autoestima de meninas negras. Até mesmo em comerciais na televisão, a criança negra raramente é visível”. (HOOKS, 2020 p. 114-115).

Sendo assim, a criança aprende desde cedo a apreciar o tom de pele que não é o seu, criando um sentimento de negação e com isso a dificuldade de se amar e se aceitar como é. Após o início das aulas, observamos que as crianças negras e pardas não se representavam nos desenhos autorais com a cor da sua pele e quando pintavam figuras de pessoas, as pintavam com a *cor rosa, salmão* ou deixavam as partes (aparentes) do corpo em branco. Considerando que a turma é formada em sua maioria por crianças pardas e negras, decidimos realizar um trabalho focado na (des)construção da identidade racial, estimulando a autoaceitação e o autoamor das crianças.

No início do projeto e como forma de desmistificar a falsa nomenclatura do lápis rosa ou salmão como “cor da pele”, realizamos atividades de pintura, apresentamos as 12 cores que existem na caixa comum de lápis de cor e perguntamos quais cores poderiam ser usadas para pintar as figuras de pessoas. No começo apontavam para o lápis rosa e salmão, então a professora os instigava aproximando o lápis rosa do seu braço e voltava a perguntar: “Essa cor parece com a cor da minha pele?” Em seguida, pedia para cada criança aproximar o lápis rosa/salmão de seus braços e fazia a mesma pergunta: “Essa cor, parece com a cor da pele de vocês?” Logo após, fazia outra pergunta: “Então, esse lápis pode ser chamado de *cor da pele*?” À medida em que o projeto foi avançando, a resposta para essa pergunta foi saindo do encabulado *sim*, para um estrondoso NÃO.

O material utilizado se torna inovador no sentido da aplicabilidade e baixo custo, a caixa de lápis de cor utilizada é a comum, porém, leva a criança à reflexão dando novo sentido às cores tradicionais. Consequentemente, o processo de autoamor e autoaceitação da identidade racial foi tomando forma, as crianças começaram a identificar e usar outras cores como o laranja e o marrom, além de formas variadas de

pintura para representar a si mesmas, os colegas, a professora e os familiares. Por exemplo, iniciamos o uso do lápis da cor marrom para representar pessoas negras, porém, se a pele da pessoa representada for um pouco mais clara, segundo explicou uma das crianças do projeto, “é só pintar com o lápis marrom, meio deitado e de leve”.

Demos continuidade ao trabalho realizando rodas de conversas com as crianças para falarmos sobre os diversos tons de pele que temos na sala de aula, também pedimos para que elas observassem a si mesmas e em casa os seus familiares, utilizamos filmes, vídeos e livros para mostrar personagens negros de forma positiva, evidenciando o protagonismo e empoderamento das personagens.

Para oficializar o *Projeto Eu Sou Assim: Essa é a Cor da Minha Pele* que se encontrava em andamento desde março de 2022, reflexionando as variadas formas de aprendizado que ocorrem dentro e fora dos muros da escola, almejando o fortalecimento e respeito às diferenças fizemos algumas atividades com a participação das crianças, uma reunião e oficina artística com as famílias das crianças participantes do projeto. Seguindo este pensamento, os teóricos Giroux e MacLaren (1995, p. 144) afirmam que “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades”.

## Resultados

Na primeira atividade foi exibido o filme *A Fera do Mar*, na história a protagonista é uma menina negra muito esperta e corajosa, nesse dia uma das crianças ficou particularmente encantada ao ver a personagem do filme, ela reconheceu a si mesma na tela, a cor da pele, o tipo e cor de cabelo. Ao final da exibição do filme, todas as crianças fizeram desenhos representando as cenas que mais gostaram no filme. Ao olhar e observar a história, a criança aprende com as imagens, relacionando-as com outras imagens já vistas e narrando o que está vendo.



Figura 1 - Apresentação do filme *A Fera do Mar*  
Fonte: Autora



Figura 2 – Desenho representando o filme  
Fonte: Autora

Posteriormente foi realizada uma segunda atividade, a de autorretrato, as crianças tiveram dois momentos, o de visualizarem a própria imagem, observando a cor da pele, cor dos olhos, dos cabelos, formato da boca e nariz em frente a tela do notebook e depois produziram os seus autorretratos. De acordo com bell hooks, o empoderamento faz parte do autoamor, é prova de resistência, é prova “que descolonizaram a mente e romperam com o tipo de pensamento supremacista branco que insinua que somos inferiores”. (hooks, 2019, p. 58).

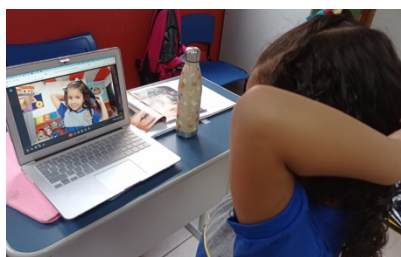


Figura 3 – Criança se observando pela tela do notebook  
Fonte: Autora



Figura 4 – Autorretrato  
Fonte: Autora



Figura 5 – Criança produzindo autorretrato  
Fonte: Autora

Para realizar a terceira atividade, utilizamos o livro de história infantil Menina Bonita do Laço de Fita autoria de Ana Maria Machado. No livro a protagonista também é uma menina negra que aprende desde cedo a ter autocuidado e a valorizar a cor da sua pele e o cabelo, demonstrando de forma positiva as diferenças físicas étnico-raciais. As crianças ouviram a narração da história na sala de aula e assistiram o vídeo no YouTube, em seguida fizeram a pintura das personagens. A oficina com as Famílias, foi realizada no Dia da Família na Escola, os pais juntamente com as crianças criaram um cartão cujo objetivo era desenhar os membros da sua Família. Foi maravilhoso ver as crianças pôr em prática de forma lúdica o que estavam aprendendo diariamente sobre a sua identidade racial, foi um momento rico!



Figura 6 - Crianças pintando  
Fonte: Autora



Figura 7 – Pai e filho produzindo o cartão  
Fonte: Autora



Figura 8 - Famílias participando da oficina  
Fonte: Autora



Figura 9 – Criança apresentando seu desenho  
Fonte: Autora



Figura 10 – Famílias observando os cartazes  
Fonte: Autora

A integração da família na vida escolar das crianças contribui para uma relação na qual se possibilita adquirir e transmitir saberes por meio de vivências diversificadas, favorecendo o desenvolvimento integral da criança. Depois das atividades prontas, foram apresentadas em formato de cartazes à comunidade escolar como um todo. Nesse momento pudemos observar o orgulho e a naturalidade das crianças ao mostrar os trabalhos realizados e sempre atentando para conduzir os pais e amigos a visualizarem a cor da pele nos desenhos. Uma das mães participantes salientou a importância do projeto e fez um relato emocionado:

*“A minha filha reclamava de sua cor, dizia não gostar dela por ser diferente dos irmãos mais velhos, que são brancos, mas agora entendi por que ela começou a dizer que era bonita do jeitinho dela e que a cor dela era linda! Ela se desenhou direitinho, professora. Estamos muito felizes, a gente sempre dizia que ela era linda, mas ela não acreditava.” (2022)*

## Considerações Finais

É importante que histórias de literatura infantil, filmes, vídeos e desenhos variados sejam apresentados às crianças desde pequenas, abordando temas, como gênero e relações étnico-raciais, discriminação e racismo possibilitando que as crianças reflitam que a diferença não precisa ser estereotipada e inferiorizada. Logo, obras literárias, assim como filmes e vídeos são instrumentos de aprendizagem, funcionando como pedagogias culturais que podem influenciar a formação das identidades infantis de crianças negras e não negras.

Por isso a relevância do projeto também para as pessoas/crianças brancas, pois as sensibiliza desde a infância para que aprendam e reproduzam práticas antirracistas. Tudo faz parte de um processo de aprendizagem, pois ensina algo à



criança, colaborando com a sua formação enquanto sujeito e na construção de suas identidades, inclusive a racial. Deste modo, torna-se importante apresentar representações positivas de personagens negros, para que as crianças pardas e negras internalizem desde a mais tenra idade que é normal ter autoestima elevada, que elas podem e devem ser empoderadas e que o lugar delas é onde elas quiserem.

### Referências Bibliográficas

- BRITO, Ênio. **Rever – Revista de Estudos da Religião**. v.12, n.02, pp. 201-206. Jul/dez 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/search/authors/view?firstName=Enio%20Jos%e9&middleName=da%20Costa&lastName=Brito&affiliation=PUC-SP&country=BR> Acesso em: 11 agosto. 2022.
- CONRADO, Mônica; CAMPELO, Marilu; RIBEIRO, Alan. Metáforas da Cor: Morenidade e Territórios da Negritude nas Construções de Identidades Negras na Amazônia Paraense. **Afro-Ásia** [en linea]. 2015, (52), p. 213-246. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/770/77050451007.pdf> Acesso em: 12 agosto. 2022
- GIROUX, Henry A., MCLAREN, Peter. **Por uma pedagogia crítica da representação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; Moreira, Antônio Flávio (Orgs.) **Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 144-158, 1995
- HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo** / bell hooks; tradução Bhuvi Libano. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação** / bell hooks; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14a ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014. 408 p.
- Estudos de Caso: O que são, Exemplos e Como Criar Cases**. Mundo Acadêmico. 2021 Disponível em: <https://biblio.direito.ufmg.br/?p=3579>. Acesso em: 23 de set. 2022